

# O real de Beleza Americana

Choque de realidade. Bizarro enquanto legitimidade do real quando este já não oferece condição para a ilusão. Acontece quando a realidade nos atinge sem defesas. Nos resta, então, o silêncio breve que antecede o riso nervoso. Aquele riso nervoso diante de uma cena qualquer de Buñuel que, por ser absurda, revela o caráter absolutamente real que ela pode ter. Nas vidas de cada um de nós, inclusive. Daí o nervosismo.

É mais ou menos este o objetivo deste artigo. E isso no sentido de pinçar em uma representação possível do cotidiano situações que escapem à hiper-realidade de Baudrillard. Hiper-realidade em que o real é mais real do que o real, de modo que o real enquanto tal seja inapreensível. A pretensão é de alertar para o absurdo enquanto condição para driblar a aparência. Ou a ilusão do encontro da essência. Tudo só para exercitar mais uma forma de percepção do mundo.

Beleza Americana nos dá um bom exemplo disso. No filme de Sam Mendes, as personagens, em função de um roteiro tão coerente quanto consistente, ultrapassam o aspecto caricato que cada uma poderia representar para dar pistas do real através de uma história que aborda exatamente a aparência.

Explica-se: Lester Burham desistiu da vida de aparências, tendo talvez encontrado, ainda que por pouco tempo, a essência de sua vida. Sua esposa, Carolyn, é *american way of life* na veia. Jane, a filha do casal, é a adolescente angustiada por não querer ser como a mãe. Um pouco por não sentir-se capaz para

\* Sandra Portella Montardo

tanto e outro por não reconhecer no pai motivo suficiente para fazer diferente. A primeira prova disso é Jane se amiga de Angela, que é a Carolyn amanhã.

E a segunda é o fato dela ter desistido de vez da idéia de aparência ao conhecer Rick, que veio a suprir a falta do modelo de seu pai, levando-a, também, a abandonar a companhia de Angela. Rick é o filho do vizinho enrustido com a mulher apática. É o dono de um olhar parado, intenso e perturbador. Olhar de voyeur assumido, realizado na sua condição ao registrar tudo o que observa. De tanto fazê-lo, parece saber reconhecer a diferença entre a aparência de real e o real propriamente dito.

Rick não se importa, por exemplo, em se vestir como um vendedor de Bíblias, segundo o olhar de Angela. Toda essa auto-confiança inabalável pode ser consequência de sua intimidade com a vida como ela é. Vida esta da qual Fernando Pessoa, provavelmente, também fazia parte e com a qual se indignava. Isso ao declarar, por exemplo, que estava farto de semi-deuses, perguntando pelos homens de verdade, uma vez que não conhecia quem tivesse levado porrada. Com o perdão do trocadilho, Rick encontra um a cada vez que encara o espelho. Tanto, talvez, quanto o poeta português. E também não se importava em mostrar suas marcas para o mundo.

Tudo isso faz de Rick o fio-terra das personagens de Beleza Americana com a realidade, a qual, ao meu ver, chamava de beleza. Completamente avesso a convenções, Rick se deleitava com a morte diante de seus próprios olhos, independente de quem

tivesse morrido. E isso, talvez, porque ele visse na morte a única coisa da vida que não era passível de ser representada, que não poderia, de modo algum, ser aparente. Por outras palavras, Rick reconhecia na morte o que é de fato. Todo o resto pode ser tanto o que é quanto qualquer outra coisa. Na mesma proporção.

A essas alturas, o leitor pode estar se perguntando: mas porque tamanha obsessão por apreender a realidade? Olha, bom mesmo seria contarmos com a garantia de uma ilusão que fosse permanente. Mas ilusão pressupõe um prazo de validade necessariamente. E esse prazo não vem explícito na embalagem. Até por que se viesse, ninguém em sã consciência iria verificar. Faz parte do jogo.

Frente a isso, em Beleza Americana, vemos o real dar de seus sinais através do bizarro. A realidade, enquanto objeto do sarcasmo, da ironia, do bizarro, ou, por outras palavras, do absurdo, e, nessas condições, estando isenta de moralismo, é imune à anestesia da aparência. Com essa consciência parece ser possível que o riso nervoso que sucede tais situações, possa, cada vez mais, vir a ser substituído pelo simples gozo da contemplação do real. Atingir essa condição parece ser um dos caminhos possíveis para que talvez um dia, assim como Rick, possamos sentir que o nosso coração não vai agüentar de tanta beleza.



\*aluna de mestrado do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – FAMECOS/PUCRS